

NEGRO, ESCRAVO E MUÇULMANO: UM BREVE ESTUDO DA INFLUÊNCIA ISLÂMICA NA “REVOLTA DOS MALÊS”

Hesdras Sérvulo Souto de Siqueira Campos Farias¹

Juazer Caesar Malta Sobreira²

RESUMO

A Revolta dos Malês foi, sem dúvida, a maior sublevação urbana arquitetada por escravos de toda a América. Foi precedida por outros levantes que culminariam com o grande Levante Malê, que tinha, além das características similares das outras revoltas, um fator muito forte que serviu de aglutinação e de incentivo ao levante, como foi o Islamismo. A religião que não permite que homens submetam outros homens foi o pano de fundo e a fonte onde os escravos, islamizados ou não, buscaram forças para tentar pôr fim a um regime de humilhação, torturas e assassinatos. Tentaremos entender como foi o Islamismo utilizado e qual sua importância nesse levante, que é pouco lembrado e estudado no Brasil, talvez pelo fato de ter sido pensado, arquitetado e realizado pelos devotos da fé muçulmana.

PALAVRAS-CHAVE: Malês; muçulmanos; escravos.

Negro, slave and muslim: a succinct study concerning the islamic influence in the “revolta dos malês” – the rebellion of the muslimslaves

ABSTRACT

The Revolt of the evils was undoubtedly the largest urban uprising engineered by slaves throughout America. It was preceded by other uprisings that culminated in the great Malê Levante, which had similar characteristics than those of other revolts, a very strong factor that served as agglutination and encouraging the uprising, as was Islam. A religion that does not allow men to

¹Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco / Departamento de Letras e Ciências Humanas / Pesquisador da Cátedra Ibn Arabi. hesdrassouto@hotmail.com

²Professor Associado do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Coordenador do Núcleo de Estudos do Nordeste Semita – NENESE. E-mail: caesar_ufrpe@yahoo.com.br

submit other men was the background and the source where slaves, muslim or not, sought strength to try to end a regime of humiliation, torture and murder. Try to understand Islam as it was used and its importance in this uprising that is little remembered and studied in Brazil, perhaps because it was designed, fabricated and performed by the devotees of the Muslim faith.

KEY WORDS: Malês; muslims; slaves.

Introdução

Durante quase quatro séculos de regime escravagista em que o Brasil viveu submerso, várias sublevações de escravos foram registradas: umas de maior intensidade, outras não. Mas todas compartilhavam aspectos em comum, como por exemplo, acabar com a subserviência e a crueldade imposta aos negros africanos. Na metade do século XIX, aconteceu na Bahia, segundo o historiador João José Reis (2003, p. 9), “*o levante de escravos urbanos mais sério já ocorrido nas Américas*” e, ainda segundo ele, “*teve efeitos duradouros para o conjunto do Brasil escravagista*”. Posteriormente, esse famoso levante seria intitulado de a *Revolta do Malês*.

Além de João José Reis, vários outros autores já se debruçaram sobre o tema, como Nina Rodrigues, Nei Lopes, Artur Ramos e o pernambucano Waldemar Valente, cada um com sua idiossincrasia. Todavia, o que ainda não foi estudado com fervor e profundidade foi o caráter religioso, que talvez tenha servido de pano de fundo dessa revolta. Apesar de mostrar ínfimo domínio sobre o Islã e errar ao referir-se aos muçulmanos como *maometanos*³, Nina Rodrigues (1982, p. 42) chega a afirmar que, tanto na África como no Brasil, o Islamismo foi “*a mola e a origem de todas as explosões*” ao se referir às grandes disputas que, desde o século XVIII, ocorriam na África e as sucessivas rebeliões que antecederam a grande revolta dos malês de 1835, no Brasil.

³Assim como Nina Rodrigues, Waldemar Valente, Nei Lopes, Gilberto Freire, Artur Ramos e a teóloga Karen Armstrong usam ERRADAMENTE este termo, que denota adoração ao profeta Maomé, não a Deus.

O Islamismo é a terceira e também a última revelação monoteísta, “*trata-se da mesma religião de Adão, preconizada por Abraão, codificada por Moisés, revivificada por Jesus e confirmada por Maomé*”⁴ (ABDALA, 1989, p. 21). O Islã chegou à África por volta dos séculos VII e VIII, penetrando primeiramente na região norte, passando pelo Saara, Argélia, Tunísia, Egito e Líbia. Posteriormente, desce para as regiões subsaarianas, como o Senegal, Cabo Verde, Mali Gâmbia, Guiné-Bissau, Níger, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Costa do Marfim, Libéria, Burkina Faso, Benin, Nigéria, parte do Camarões e parte do Chade (LOPES, 1988).

A chegada do Islã no Brasil se dá dez séculos depois da sua chegada à África, justamente numa época de grandes convulsões no oeste africano. Os contingentes de negros que chegaram nesse período à Bahia eram, em sua maioria, Haussás, Fulânis e Nupes (também conhecido como Tapas) e, de acordo com Nei Lopes (1988, p.59), “*em geral eram islamizados, portadores de um grau considerável de escolaridade e consciência política, com visão e experiência militar, com maior capacidade de organização*”. Essas características dos negros muçulmanos faziam com que eles se sobressaíssem em relação aos outros escravos em vários aspectos. Foram, indubitavelmente, essas peculiaridades dos negros muçulmanos, juntamente com uma fé religiosa capaz de grandes empreendimentos, que causava fascínio em alguns negros de outras nações, que seria a espoleta que faltava para estourar a mais fantástica rebelião, arquitetada por escravos, das Américas.

1 O Alcorão como guia

Assim como o Judaísmo e o Cristianismo, o Islamismo também possui um livro revelado e, sobretudo sagrado, e como qualquer fiel das religiões que têm livros revelados, o muçulmano também tem ou deseja ter o Alcorão (*Al Qu’ran*, em Árabe).

⁴Nome transliterado do Profeta Muhammad. Entretanto, os muçulmanos não gostam dessa transliteração por gerar denominações erradas, como explicado na nota supracitada. Em respeito a eles, chamarei o Profeta pelo seu verdadeiro nome.

Os primeiros fiéis do Islã a chegarem a terras brasileiras trouxeram consigo o Alcorão, ou pelo menos partes dele, em forma de amuletos⁵ para serem usados como proteção contra qualquer tipo de inimigo (REIS, 2003).

Como já foi falado acima, grande parte dos negros muçulmanos eram letrados, pois está na base do Islamismo primar pelo conhecimento e pela educação. Só para corroborar o que há pouco falei, na Europa, durante a Idade Média, enquanto a Igreja tolhia a liberdade de pensar e restringia absurdamente o conhecimento, semeando a ignorância, cidades como Córdoba e Sevilha, na Espanha, faziam parte da civilização de Al' Andaluz, centro do pensamento filosófico no século XII, onde a educação e o conhecimento estavam acessíveis a todos os cidadãos, dos mais abastados aos menos favorecidos.

Voltando para a história dos muçulmanos cativos da Bahia, alguns autores chegam a citar que, durante o século XIX, houve uma grande venda de Alcorões no Rio de Janeiro, e todos escritos em árabe e vendidos para escravos e ex-escravos, como afirma o Conde de Gobineau (MOURA, 1983, p. 87):

...Malgrado esta aparência, pude constatar que devem guardar bem fielmente e transmitir com grande zelo as opiniões trazidas da África, pois que estudam o árabe de modo bastante completo para compreender o Alcorão ao menos grosseiramente. Esse livro se vende no Rio nos livreiros ao preço de 15 a 25 cruzeiros, 36 a 40 francos. Os escravos, evidentemente muito pobres, mostram-se dispostos aos maiores sacrifícios para possuir este volume. Contraem dívidas para esse fim e levam algumas vezes um ano para pagar o comerciante. O número de Alcorões vendidos anualmente eleva-se a mais ou menos uma centena de exemplares (...).

⁵Os Amuletos eram formados por sacos de couro, contendo pedaços de papel com inscrições em árabe, de partes de Suratas (versículos) do Alcorão. Era cuidadosamente dobrado e costurado dentro do saquinho. Apesar dos africanos usarem esses amuletos, isso não é uma prática islâmica.

A livraria citada pertencia aos livreiros franceses Fauchon e Dupont, que, além de vender Alcorões, também importavam gramáticas em árabe, pois os escravos também se preocupavam em compreender melhor o livro, já que o Alcorão era manuscrito e não um texto traduzido. (COSTA E SILVA, 2003).

Vários manuscritos com caracteres arábicos foram encontrados nas casas ou em posse de escravos durante e após a revolta do malês. Sobre esses manuscritos, vou-me prender a um único caso, o de Rufino José Maria, preso no dia 3 de setembro de 1853 na cidade do Recife, acusado de conspiração, pois já havia fugido da Bahia após a revolta. Segundo José Antônio Gonçalves de Mello Neto (1992, p. 9), o jornal *Diário de Pernambuco* reportou a seguinte notícia sobre a prisão de Rufino:

...Foi encontrado de hábito talar⁶, tendo em seu poder alguns escritos com caracteres arábicos, idioma que diz ter aprendido em Serra Leoa, sob auspícios ingleses. Além de livros...

Posteriormente, o *Diário de Pernambuco* publica uma nota no dia 6 de setembro do mesmo ano, pedindo a colaboração de qualquer pessoa que entenda a escrita árabe ou hebraica. Mais tarde, os escritos arábicos foram enviados ao Rio de Janeiro para tradução e se soube que Rufino José Maria era um sacerdote muçulmano. (LIMA. 2009).

Ser submisso e subserviente a outro homem era algo que os negros muçulmanos jamais aceitariam sobretudo sendo adeptos de uma religião acusada de ser politeísta, em que um deus pode ser três⁷.

⁶Túnica branca, de mangas longas e que vai até os tornozelos. Roupas típicas dos árabes e que hoje é usada diariamente por muitos africanos muçulmanos. Também é chamada de Jal'labia.

⁷Das três religiões monoteístas reveladas, apenas o Cristianismo aceita a ideia da Trindade de Deus (Pai, Filho de Espírito Santo), além de crer ser Jesus o próprio Deus encarnado.

Da mesma forma que os judeus seguem o Torá e os cristãos a Bíblia, os muçulmanos seguem o Alcorão. Em várias Suratas do Alcorão, há passagens que incitam o homem a não deixar submeter-se a outro. Todas as pessoas devem ser livres e os que não são, devem lutar pela sua liberdade, sobre isso o Alcorão fala (Surata 22; 39) “*É permitido⁸ o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiças. – E, por certo, Allah, sobre o seu socorro, é Onipotente*”. Ao permitir o legítimo e sagrado direito de defesa, o Alcorão ensina aos muçulmanos não se deixarem ser subjugados e submetidos a ninguém. Foram nas várias suratas (capítulos) do Alcorão, que os negros encontraram respaldo para promover uma sublevação, uma vez que essas são passagens sagradas, pois foram reveladas por Deus aos homens. Tendo a permissão divina, nada empataria os escravos a lutarem pela sua liberdade.

A luta era iminente por dois grandes motivos. O primeiro e mais claro, as condições subumanas, degradantes e deploráveis em que se encontrava o escravo, e o segundo, este mais abstrato e psíquico, não permitir que sua religião – no caso o Islã – fosse suplantada por outras, nem permitir ser dominado por incrédulos e infiéis dessas outras religiões. Lutar pela liberdade era o primeiro passo a dar, e o segundo era lutar pela liberdade de praticar o Islã, com a vontade de se chegar a Deus, como assim enfatiza o Alcorão (4:84):

Então, combate no caminho de Alláh; tu não és responsável senão por ti mesmo. E incita os crentes ao combate. Quiçá, Alláh detenha a fúria dos que renegam a fé. E Alláh é mais Veemente na fúria e mais Veemente no tormento.

Portanto, era inevitável não pegar em armas, quaisquer que fossem elas, e partir para o combate, na tentativa de conquistar a tão sonhada liberdade numa terra distante, de cultura e religião demasiadamente diferente.

⁸Este é o primeiro versículo do Alcorão, que concede aos muçulmanos revidarem o combate, pois, nos anteriores, isso era vetado.

2 O conceito de Jihad

Muitas pessoas acreditam que o termo *Jihad* signifique literalmente “guerra santa”, pois assim é difundido pela mídia e por autores que pouco sabem sobre o Islã. De origem árabe, o termo Jihad (vem da raiz J, H, D) significa *esforçar-se, lutar*, por algo louvável que se deseja, todavia, de acordo com o contexto, ele pode mudar de sentido. Existem dois tipos de Jihad, a Grande Jihad e a Pequena Jihad. O termo literal em árabe para “guerra santa” seria *harbun muqadassatu*⁹.

2.1 A grande-Jihad

Voltado para o campo espiritual e religioso, o termo *Jihad* significa a luta individual contra as imperfeições humanas que tendem a conduzir todos os homens ao mal. É a luta que cada ser humano tem de enfrentar para superar os vícios, as paixões, os defeitos e as fraquezas, pois essas afastam o homem de Deus. A surata supracitada é um bom exemplo dessa luta.

2.2. A pequena-Jihad

Neste sentido, *Jihad* significa o direito que qualquer pessoa tem de enfrentar algo ou alguém que queira fazer o mal a si ou a sua família, de reagir à invasão de sua casa, sua cidade e até a sua pátria. O termo *Jihad* usado pelo Profeta Muhammad, foi justamente para combater as tribos politeístas que, constantemente, ameaçavam atacar os muçulmanos.

⁹Essas informações básicas também estão disponíveis no site da Sociedade Beneficente Muçulmano do Rio de Janeiro. <http://www.sbmjrj.org.br/>

Bem, feito os devidos esclarecimentos, continua-se a discorrer sobre a revolta dos Malês. Primeiramente, está claro que nem todos os negros que participaram do levante eram muçulmanos, assim como nem todas as práticas dos negros muçulmanos eram islâmicas, pois, na situação em que se encontravam aqui, era difícil praticar-se um islamismo genuíno.

Outra questão muito interessante de ser abordada é a natureza do levante malê, se teria sido *Jihad* (no sentido de uma luta “sagrada”) ou teria sido *Harb* (uma luta “profana”). Para Reis, a natureza, se sagrada ou não, da rebelião malê ainda não está esclarecida. Ele considera que a revolta foi um *movimento complexo*, cujo objetivo imediato era a liberdade. (SOBREIRA, 2010, p.177).

A pesquisadora Quiring-Zoche aponta o fato de que os malês denominaram sua revolta de *harb* e não de *jihad*, pois, segundo ela, os negros malês que haviam fugido para o Rio de Janeiro tiveram frequentes conversas com o *Iman* Al-Baghdadi¹⁰, que escreve uma passagem reveladora, citada por Quiring-Zoche, Reis e Sobreira. Assim escreve Abdurrahman Bin Abdulal al-Baghdadi:

Com frequência lhes perguntei pelo motivo por que escondem tanto sua religião, embora os países garantam todas as liberdades que se queiram. E eles me relataram que houvera uma guerra entre eles e os cristãos. Os negros tinham a intenção de controlar as terras, mas a vitória ficou com os cristãos. Era publicamente conhecido entre eles que a raiz desse levante estava em uma comunidade muçulmana que havia entre os grupos dos negros. Foram eles que decidiram essa coisa entre si, pois existem diversas religiões [entre os africanos]. Os muçulmanos inclusive negam sua religião até mesmo hoje [1865, trinta anos depois], por temor do perigo de que os cristãos, se notarem que alguém segue o Islã, talvez o matem, o deportem ou o encarcerem para o resto da vida (*Apud* SOBREIRA, 2010, p. 177-178. Em QUIRING-ZOCHE, 1997, p. 234. Em REIS, 2003, p. 281)

¹⁰Ver FARAH, Paulo Daniel. **Deleite do estrangeiro em tudo que é espantoso e maravilhoso**. [hors commerce]. São Paulo: CEA/USP, 2008.

Segundo Caesar Sobreira (p. 179, 2010), citando Quiring-Zoche, essa passagem seria o argumento definitivo contra a ideia de que a revolta malê foi uma “guerra santa” (para usar o termo usado pelos pesquisadores), pois, se assim fosse, os relatos dos remanescentes malês ao *Iman* Al- Baghdadi teriam sido ufânicos e orgulhosos. Assim, o levante estaria pautado em um caráter mais social do que religioso. Entretanto, poderia realmente haver uma espécie de receio entre os que participaram da revolta em assumir esse caráter religioso, assumir que houve uma Pequena Jihad, numa tentativa de evitar perseguições por parte dos cristãos. Bem, para o historiador José Reis (p. 282, 2003), a dúvida ainda permanece.

3 Uma pequena-Jihad no Nordeste brasileiro

Muitos pesquisadores intitularam erroneamente as lutas dos negros muçulmanos ocorridas no Brasil de “guerra santa”, numa tentativa talvez de mostrar que o islã se impõe pela força. Apesar de cometer muitos erros em suas análises, todos têm em comum a opinião de que o islã foi a mola mestra das diversas sublevações ocorridas durante o século XIX no Brasil.

Seria errado usar o termo Jihad sem especificar que tipo seria, principalmente se associá-lo ao termo guerra santa, quando já vimos que este termo não tem nenhuma ligação com aquele. Hoje, pesquisadores esclarecidos e íntimos do Islamismo, acreditam que o levante Malê foi, de fato, uma Pequena Jihad, idealizada por muçulmanos cativos juntamente com outros não muçulmanos, que se uniram por acreditar que era possível transformar um país abarrotado de contradições em uma terra onde todos os homens são submissos apenas a Deus.

A Revolta dos Malês foi, provavelmente, a primeira Jihad (pequena) ocorrida em toda América, pois os escravos islamizados lutaram para defender suas vidas, seus amigos, a liberdade e, acima de tudo, sua fé, assim “(...) o islã representou o refúgio dos humildes. Deu força espiritual, moral e organizativa a homens pobres livres que viviam subordi-

nados aos poderosos protegidos da religião tradicional e manteve viva a esperança de libertação de milhares de escravos muçulmanos” (REIS, 1986, p. 115).

Infelizmente, a consequência dessa verdadeira epopeia dos Malês no âmbito religioso ainda permanece pouco conhecida e estudada.

Considerações finais

Este trabalho não teve a pretensão de negar ou diminuir o caráter político e o social da Revolta dos Malês, entretanto, procurou-se observar o papel que a fé islâmica desempenhou para e durante o grande levante perpetrado pelos escravos muçulmanos e não muçulmanos em 1835. Nos vários livros e artigos pesquisados, percebeu-se que os autores sempre se preocuparam em ressaltar o lado histórico, o social e o político da revolta, deixando de lado o caráter religioso, pouco compreendido, tornando o estudo e a análise incompletos. É de se compreender que poucos ou quase nenhum pesquisador do tema tinha domínio sobre a religião Islâmica, tornando difícil uma análise profunda ou teológica da revolta malê.

Percebeu-se que não foi uma “guerra santa” ou um movimento “fanático”, como alguns pesquisadores classificaram, tentando associar esses termos a uma *jihad*, ainda que muitos nada soubessem sobre os conceitos de Jihad. Podemos dizer que a Revolta dos Malês ocorrida em 1835 na Bahia, foi na verdade uma luta mais que justa, de pessoas condicionadas à força para a escravidão, que buscava por fim a secular condição desumana – privações, deportações, torturas, estupros e assassinatos sumários – que alguns homens impunham a outros homens, condições essas jamais permitidas pelo Alcorão, e que jamais seriam aceitas pelos escravos muçulmanos. Somente pode intitular a Revolta dos Malês de Jihad, se se conhecer bem os seus significados, sagrados e profanos; aí, sim, poder-se-ia dizer que houve, no século XIX, em terras brasileiras, uma jihad, uma Pequena-Jihad islâmica.

Referências

ALCORÃO. *Tradução do Sentido do Nobre Alcorão para a Língua Portuguesa*. Complexo de Impressão do Rei Fahd. Medina. Arábia Saudita. 1430/2009.

ABD'ALLAH, Ali. **Islam: a síntese do monoteísmo**. Recife: Centro Cultural Islâmico. 1989.

ARAÚJO, Eduardo José Santana de. **Presença islâmica no Nordeste Brasileiro**. Recife: UNICAP, 2005. Monografia (Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* – História Regional do Brasil: Nordeste), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2005

COSTA E SILVA, Alberto Vasconcellos. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira/Editora da UFRJ. 2003. p.177-186.

_____. Comprando e vendendo Alcorões no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, 2004

EL HAYEK, Samir. **Compreenda o Islã e os muçulmanos**. Centro de Divulgação do Islam para América Latina. 2002.

HADDAD, Jamil Almansur. **O que é Islamismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. Heranças mulçumanas no Nagô de Pernambuco: Construindo Mitos Fundadores da Religião de Matriz Africana no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões** – Ano I, n 3, jan. 2009

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1988.

MELLO NETO, José Antônio Gonsalves de. População negra e cultos africanos. **Diário de Pernambuco**. Recife, n.6, p. 7-14, jul/dez. 1992

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. MEC/Funarte. 1983.

QUIRING-ZOCHE, Rosemarie. Luta religiosa ou luta política? o levante dos malês na Bahia segundo uma fonte islâmica. **Afro-Ásia**, n. 19-20, p. 229-238, 1997.

QUTUB, Mohammad. *Islam – uma religião mal compreendida*. Trad. de Prof. Samir El Hayek. São Paulo: Centro de Divulgação do Islam para América Latina, 1990

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do Levante dos Malês de 1835. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional. 1982.

SAID, Sheikh Mabrouk El Sawy. **Os pilares da fé na religião Islâmica**. 3. ed. Recife: [s.n.], 2009.

SOBREIRA, Caesar. **Nordeste semita**: ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita. São Paulo: Global Editora, 2010.

TALIB. Haidar Abu. **Exame das circunstâncias que motivaram as Revoltas dos Malês**. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1997.

VALENTE, Waldemar. **Islamismo em Pernambuco**: aspectos da etnografia religiosa afro-brasileira do Nordeste. Recife: do autor, 1957.

_____. Influências islâmicas nos grupos de culto afro-brasileiro de Pernambuco. **Boletim do Instituto de Ciências Sociais**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, [s./d].